NEUROPSICOLINGUÍSTICA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO CRÍTICA DOS MODELOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Matheus Cirqueira Miranda
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-1474-5333
Endereço eletrônico: 2026a0049@uesb.edu.br

Carla Salati Almeida Ghirello Pires
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7950-6001
Endereço eletrônico: carla.salati@uesb.edu.br

Palavras-chave: neuropsicolinguística; aquisição da linguagem; transtorno do espectro autista; revisão crítica.

INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem é um dos processos mais estruturantes do desenvolvimento humano, organizando o pensamento e viabilizando a participação cultural (Ghirello-Pires, 2024). No Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse percurso assume contornos singulares que interrogam os modelos tradicionais e exigem um olhar que articule os planos linguístico, neurobiológico e interacional. Nessa direção, a neuropsicolinguística compreende a linguagem como atividade constitutiva que emerge na relação com o outro, antes mesmo da palavra com significado lexical (Coudry, 2012; Massi, 2020).

A heterogeneidade de perfis linguísticos no espectro, que vão da ausência de fala funcional a produções verbais com prejuízos pragmáticos, evidencia que nenhum modelo isolado oferece explicação abrangente. A literatura apresenta dispersão teórica que demanda sistematização, sobretudo no que se refere a estudos que focalizem a linguagem em contextos interativos e não apenas sob uma ótica deficitária (Delfrate *et al.*, 2009).

Diante desse cenário, esta pesquisa pergunta: como a neuropsicolinguística explica os processos de aquisição da linguagem em crianças com TEA e quais lacunas teóricas ou

empíricas persistem na literatura recente em língua portuguesa?

O objetivo geral é analisar criticamente as contribuições dessa perspectiva para a compreensão da aquisição da linguagem no TEA. Os objetivos específicos são: mapear os principais trabalhos brasileiros que adotam essa abordagem; descrever como explicam os marcos e desafios da aquisição linguística no TEA; discutir as lacunas teórico-metodológicas encontradas; e propor encaminhamentos para a pesquisa. A justificativa reside na necessidade de sistematizar uma produção ainda dispersa, oferecendo subsídios para práticas pedagógicas e terapêuticas ancoradas em uma visão discursiva e não deficitária da linguagem no autismo.

METODOLOGIA

Trata-se de revisão bibliográfica crítica, de orientação qualitativa (Boccato, 2006). O levantamento foi realizado nas bases SciELO, LILACS e Google Acadêmico, utilizando os descritores *neuropsicolinguística*, *aquisição da linguagem*, *transtorno do espectro autista* e *linguagem*, combinados com operadores booleanos AND e OR. Incluíram-se trabalhos em língua portuguesa publicados entre 2009 e 2024 que abordassem a aquisição ou o funcionamento da linguagem no TEA sob a ótica da neuropsicolinguística. Excluíram-se estudos de viés cognitivista, relatos de caso sem fundamentação linguística e pesquisas com foco exclusivo em intervenção. Foram identificados 38 registros; após remoção de duplicados (29), leitura de títulos/resumos e exclusão de 18 artigos não alinhados, restaram 11 para leitura na íntegra. Destes, 6 foram excluídos por tratarem apenas marginalmente da linguagem, totalizando 5 estudos selecionados. A análise seguiu a análise temática (Braun; Clarke, 2006), categorizando os trabalhos segundo concepção de linguagem, papel do outro, explicação para as especificidades no TEA e contribuições para a superação da visão deficitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 5 estudos analisados, todos convergem para os fundamentos da neuropsicolinguística, organizando-se em dois eixos complementares. O primeiro eixo, linguagem como atividade relacional e cultural, reúne Coudry (2012) e Ghirello-Pires (2024), que demonstram que a linguagem emerge na interação afetiva e na prosódia, sendo o outro constitutivo da apropriação simbólica; a lacuna apontada é a carência de estudos empíricos

com crianças pequenas em contextos naturalísticos. O segundo eixo, crítica à visão deficitária e afirmação da singularidade discursiva, congrega Massi (2020), Delfrate et al. (2009) e Ferreira Júnior (2015), que abordam o TEA como modo singular de estar na linguagem e deslocam o foco do déficit para as condições de acesso às práticas discursivas; as lacunas incluem pouca articulação com achados neurobiológicos, escassez de pesquisas longitudinais e necessidade de maior diálogo com a clínica e a escola.

A articulação entre os dois eixos evidencia a coerência da perspectiva discursiva: a base afetiva e prosódica destacada por Ghirello-Pires (2024) é justamente o terreno em que as singularidades enunciativas analisadas por Massi (2020) e Ferreira Júnior (2015) se manifestam. Este último, em particular, demonstra que a criança autista não está fora da linguagem, mas se constitui como sujeito exatamente na e pela linguagem, deslocando a ênfase da categoria de pessoa para o processo de enunciação. Tal deslocamento reforça a necessidade de práticas interativas que acolham as formas singulares de apropriação linguística, em vez de medi-las exclusivamente por parâmetros típicos.

O confronto entre os trabalhos revela consenso sobre a potência da perspectiva discursiva para superar modelos que isolam a língua em módulos cognitivos. Uma lacuna importante é a escassez de estudos que articulem essa abordagem com evidências neurobiológicas em contextos naturalísticos. Outra lacuna é a necessidade de pesquisas longitudinais que acompanhem a constituição da linguagem em interações espontâneas, como já sinalizavam Delfrate et al. (2009). Por fim, os trabalhos convergem para a crítica à hegemonia de modelos deficitários, afirmando a heterogeneidade linguística no TEA como expressão da singularidade dos sujeitos na língua.

CONCLUSÕES

Os resultados desta revisão permitem afirmar que a neuropsicolinguística oferece uma base teórica consistente para compreender a aquisição da linguagem no TEA, justamente por não reduzir o fenômeno a domínios cognitivos fragmentados. Ao situar a emergência da linguagem na relação afetiva e cultural, essa perspectiva desloca o foco do déficit para o modo como a criança é inserida nas práticas discursivas, revelando a singularidade de cada percurso linguístico.

A análise dos estudos brasileiros selecionados confirma a pertinência dessa

abordagem, mas também expõe a necessidade de maior articulação com evidências neurobiológicas e de investigações que acompanhem a constituição da linguagem em contextos interativos reais ao longo do tempo. Tais lacunas não invalidam a teoria; antes, indicam direções para o fortalecimento da neuropsicolinguística no país.

Como contribuição, esta revisão reafirma a importância de um olhar discursivo e não patologizante para o TEA, com implicações diretas para práticas pedagógicas e terapêuticas que respeitem a heterogeneidade linguística como expressão da singularidade dos sujeitos, e não como falha a ser corrigida.

Essa mudança de paradigma convida educadores e terapeutas a abandonarem roteiros rígidos de estimulação e a privilegiarem a escuta sensível das iniciativas comunicativas da criança, por mais atípicas que sejam. Sob essa ótica, a linguagem não é ensinada, mas partilhada em contextos afetivos e significativos, o que demanda a formação de profissionais capazes de atuar como mediadores culturais, e não como meros aplicadores de técnicas. Tal postura é essencial para que a singularidade discursiva da criança autista seja acolhida, e não suprimida em nome de padrões normativos de comunicação.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set./dez. 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Abingdon, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. O trabalho do cérebro e da linguagem na vida da criança. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 54, n. 2, p. 351-366, 2012.

DELFRATE, C. B. *et al.* A aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 321-331, 2009.

FERREIRA JÚNIOR, J. T. A criança autista na/pela linguagem: da categoria de pessoa à singularidade do sujeito no processo de enunciação. 2015. **Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem)**, Natal, 2015.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A. Apropriação da linguagem como processo estruturante e organizador da atividade humana: contribuições à Educação Infantil. **Obutchénie**, Uberlândia, p. 1-23, 2024.

MASSI, G. A linguagem no autismo: uma análise a partir da Neurolinguística Discursiva. Curitiba: **Appris**, 2020.